

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DO SUL DE MINAS-UNIS/MG**  
**COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**  
**THAIS APARECIDA DOS SANTOS**

**REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NOS JORNAIS DA TV BRASILEIRA**

**Varginha**  
**2020**

**THAIS APARECIDA DOS SANTOS**

**REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NOS JORNAIS DA TV BRASILEIRA**

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo do Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS/MG como pré-requisito para obtenção do grau de bacharel, sob orientação da Prof. Dra Terezinha Richartz

**Varginha  
2020**

**THAIS APARECIDA DOS SANTOS**

**REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NOS JORNAIS DA TV BRASILEIRA**

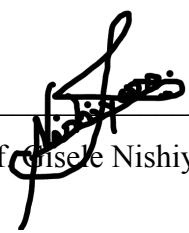
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário do Sul de Minas Gerais - UNIS/MG como pré-requisito para obtenção do grau de Bacharel, sob a orientação da Professora Terezinha Richartz

Aprovado em 23 / 11 / 2020



---

Prof. Dra Terezinha Richartz



---

Prof. Denise Nishiyama

---

Prof.

Dedico este trabalho a todos os jornalistas negros que lutam todos os dias com o preconceito e mesmo assim seguem fortes na missão de passar informação com credibilidade e profissionalismo.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem sua misericórdia na minha vida eu não teria forças para continuar. À minha mãe Maria Aparecida Rafael dos Santos que sempre me incentivou aos estudos e me proporcionou todo carinho necessário, me dando forças para seguir em frente. Ao meu pai, irmãos e outros familiares que torceram pelos meus estudos e conclusão do mesmo. Aponto também meus sinceros sentimentos de agradecimento aos meus amigos verdadeiros que estiveram próximos, amparando-me nos momentos mais difíceis. E por fim, não menos importante, agradeço minha orientadora Terezinha Richartz pelo carinho, paciência e incentivo a dar o meu melhor na elaboração deste trabalho, juntamente com os outros professores que colaboraram para minha formação.

"O dia em que pararmos de nos preocupar com  
Consciência Negra, Amarela ou Branca e nos  
preocuparmos com Consciência Humana, o  
racismo desaparece."

Morgan Freeman

## RESUMO

Este artigo trata da representação da mulher negra nos jornais da TV brasileira. Tal abordagem se justifica, pois partindo da perspectiva que as desigualdades neste país, além de classe social, são relacionadas à raça e ao gênero, é necessário se debruçar para entender como fica a presença da mulher negra dentro do jornalismo. O objetivo desta pesquisa é fazer um paralelo sobre a quantidade de repórteres negras e brancas que fazem as reportagens nos seguintes telejornais: Jornal da Band, Rede TV News, Jornal da Record, SBT Brasil e Jornal Nacional. Este intento será conseguido a partir de pesquisa analisando os jornais transmitidos em horário nobre, no período de uma semana, contabilizando as jornalistas negras em cada uma das emissoras. A análise evidenciou que em um total de noventa e uma profissionais femininas atuando nas cinco emissoras, somente quatro eram mulheres negras. O percentual chega a 4,40% de negras, em relação ao total de jornalistas. É possível perceber que com todos os avanços que os negros, em especial as mulheres negras tiveram, ao longo dos anos, ainda se encontra preconceito estrutural e discriminação racial neste país, ora de forma velada, ora escancarada, desembocando na baixa presença da mulher negra no telejornalismo brasileiro.

**Palavras-chave:** Jornalistas. Preconceito. Mulheres Negras.

## **ABSTRACT**

*This article deals with the representation of black women in Brazilian TV News. This approach is justified, since starting from the perspective that the inequalities in this country, besides to social class, are related to race and gender, it is necessary to look deeper to understand how the presence of black women in journalism is. The objective of this research is to make a parallel about the number of black and white reporters who report on the following newscasts: Jornal da Band, Rede TV News, Jornal da Record, SBT Brasil and Jornal Nacional. This purpose will be achieved through researches, analyzing the news broadcast in prime time, in the period of one week, counting black journalists in each station. The analysis showed that in a total of ninety-one female professionals working in the five stations, only four were black women. The percentage reaches 4.40% of black women, in relation to the total number of journalists. It is possible to see that with all the advances that blacks, especially black women have had over the years, there is still structural prejudice and racial discrimination in this country, sometimes in a veiled way and sometimes-wide open, ending in the low presence of black women in Brazilian television news.*

**Key words:** *Journalists. Prejudice. Black Women.*



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 ESCRAVIDÃO NO BRASIL: a construção dos estereótipos .....</b>	<b>12</b>
<b>3 VIOLÊNCIA SIMBÓLICA: a naturalização dos trabalhos subalternos ....</b>	<b>15</b>
<b>4 TELEJORNALISMO BRASILEIRO E PRECONCEITO RACIAL .....</b>	<b>18</b>
<b>5 MULHERES NO JORNALISMO: perspectivas de gênero e étnicas .....</b>	<b>27</b>
<b>6 MATERIAL E MÉTODO .....</b>	<b>32</b>
<b>7 RESULTADO E DISCUSSÃO .....</b>	<b>35</b>
<b>7.1 Negros na TV: análise dos telejornais .....</b>	<b>39</b>
<b>8 CONCLUSÃO .....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>44</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O Brasil é considerado um país miscigenado, em razão das misturas raciais encontradas nele. Diferentes grupo humanos formam a população brasileira, sendo assim, é comum encontrar uma vasta diversidades cultural, seja ela em manifestações, músicas, costumes, pratos típicos, vestimentas, entre outros aspectos.

No país a mistura é forte e encontrar alguém que tenha o “sangue puro” se torna uma tarefa mais limitada. Uma pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua de 2016 divulgada pelo IBGE( Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)<sup>1</sup> aponta que entre o ano de 2012 e 2015 o número dos que se declaravam brancos teve uma redução de 1,8% totalizando 91 milhões. Já o número de pardos autodeclarados cresceu 6,6% e de pretos 14,9% chegando a cerca de 96 milhões e 17 milhões. Dados que indicam que a população negra vem aumentando com o passar dos tempos, ou a percepção de um país que não é eurocêntrico está ficando mais explícita.

Ao aprofundar na história do Brasil desde o primeiros dias do seu descobrimento, possivelmente será encontrado uma gama enorme de histórias sobre racismo, preconceito e discriminação de diferentes raças/etnias que não fossem brancas. Um marco, foi a escravidão no país que durou até o final do século XIX, e que deixou vestígios até os dias atuais, no qual os negros lutam diariamente para superá-los e principalmente no conflito contra os brancos que na maioria das vezes detém o poder sobre as demais etnias. Quando relacionamos as mulheres negras nesse contexto percebemos ainda mais uma desigualdade e uma dominação da branquitude que alega não existir racismo e nem diferença entre as mulheres. “O vetor da raça influi direta e primeiramente na vivência das mulheres negras como elemento limitante das possibilidades de sucesso, reconhecimento e representação positiva desse grupo específico.” (LOUBACK, 2018, p.37) Visto que sempre são tidas como objetos de desejo, na condição de empregadas, babás ou então no carnaval quando viram “peças” de criatividade em temas para a

---

<sup>1</sup> População chega a 205,5 milhões, com menos brancos e mais pardos e pretos. **Agências IBGE, Brasil**, 24 nov. 2017. Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-populacao-chega-a-205-5-milhoes-com-menos-brancos-e-mais-pardos-e-pretos> Acesso em: 07 mar. 2020

festança, “uma mulher negra com cabelo crespo comumente ouve piadas e é discriminada. No Carnaval, a mesma pessoa que nos ridiculariza quer vestir nossa “fantasia” para seguir nos ridicularizando.” (RIBEIRO, 2018, p. 33) Como exemplo disso temos a “Nega Maluca”, conhecida por sua caracterização que ganhou até um enredo específico.

No telejornalismo brasileiro, pouco se vê sobre a representação dos negros nas telas da TV, em especial das mulheres negras pouquíssimas fazem parte da equipe de repórteres e apresentadores menor ainda. Tal realidade fere a autoestima das afro-brasileiras que continuam sofrendo com a estrutura racista sobre a qual foi formada o país, ao mesmo que reafirma uma presumida superioridade da população branca, principalmente quando liga-se no jornais e somente mulheres padronizadas são encontradas.

A questão principal deste trabalho é saber porque as mulheres negras não são representadas nos telejornais brasileiros, e as poucas que existem, passam por preconceitos com uma certa frequência. Para elas ingressarem no mercado de trabalho não é nada fácil e quando acontece tendem a ficar “[...] presa a camisa de força imposta pelo mercado de trabalho - camisa de força que são tanto mais insidiosas quanto mais agem indiretamente, o que as torna relativamente invisíveis[...].” (SANTAELLA;NÖTH, 2004, p.30). Há quem defenda que a falta de jornalistas negros se dá pela falta de formação e diploma, com isso torna justificável a falta destes profissionais em geral no mercado de trabalho, para Luciana Barreto em debate sobre jornalistas pretas de gênero e cor defende que, “o problema não é a falta de jornalistas negros no mercado, o problema é o mercado que não está apto, apropriado ou querendo ter jornalistas negros.”<sup>2</sup>

A presunção deste trabalho é que existe um estímulo na sustentação do racismo no Brasil, e os telejornais corroboram com a prática mantendo a escassez de jornalistas negras e também negros como apresentadores e repórteres na televisão. A mídia não consegue refletir a diversidade da população brasileira.

Antes de entrar no foco da pesquisa, será discutido a escravidão no Brasil mediante a construção de estereótipos dos negros que eventualmente são produzidos por relações sociais que padronizam as pessoas, por exemplo, falar que todo negro é bandido, e só mostrá-los nessas condições, não expondo também o outro lado, ou que toda mulher negra é da favela e usa do seu

---

<sup>2</sup> Veja em: <https://www.youtube.com/watch?v=WVVnKA-wDXU&feature=youtu.be>

corpo para bens próprios. Não mostrar a diversidade e outras opções dentro da raça e somente apontar um lado que em sua maioria é negativo é cair no estereotipado. Após, o tópico é sobre a violência simbólica sobre a vista da naturalização dos trabalhos subalternos, a crença que negros não são merecedores de cargos altos ou reconhecimento, somente devem ocupar cargos com pouca formação que não necessita de usar inteligência, na televisão brasileira é fácil ver essa representação diariamente, em novelas, pode-se contar no dedo quando um negro tem lugar de destaque, as mulheres então frequentemente são retratadas em condições desfavoráveis e de vulnerabilidade.

Na questão dos telejornais brasileiros e preconceitos raciais foi pontuado rapidamente o primeiro jornal transmitido, abordando episódios de preconceitos e discriminação racial sofridos por profissionais negros e fazendo um adendo sobre a alta violência também cometida por policiais com o povo negro podendo ser caracterizada como racismo. Adentrando ao tema principal do trabalho, o tópico mulheres no jornalismo: perspectivas de gênero e étnicas, pontua a diferenciação entre homens e mulheres dentro da redação, em relação a matérias tratamentos e também salários. E aprofundando mais nas questões da mulher negra que sofrem diariamente com maior frequência e suas lutas são mais pesadas comparadas às mulheres brancas, pois passam por nós de exclusão da raça e do gênero com alto nível de opressão. Posteriormente abordado o modo como foi executado a pesquisa, no qual foram analisados as matérias dia a dia de cada jornal e anotados tanto as manchetes quanto os nomes dos repórteres. Os resultados obtidos nas análises vem explicando minuciosamente jornal por jornal e depois totalizando os cinco sobre o resultado. A seguir o tópico propõe uma análise dos jornais e dos negros na tv, com dados e relatos de profissionais que acreditam que o jornalismo brasileiro não tem uma diversidade dentro das redações.

## **2 ESCRAVIDÃO NO BRASIL: a construção dos estereótipos**

Os escravos foram trazidos da África nos navios negreiros para o Brasil a partir de 1500, e eram vendidos ao senhores branco que tinham fazendas e muito dinheiro, assim viviam em condições precárias e sujeitos à punições dolorosas e com grandes sofrimentos. Essas são informações das quais sempre são abordadas, contudo, a ideia da escravização, ou ao menos em que teriam se baseado para tal discriminação é trazida por SCHWARCZ e STARLING:

Foi o próprio navegador genovês Cristóvão Colombo, responsável por comandar a frota que primeiro alcançou o continente americano em 12 de outubro de 1492, sob as ordens dos reis católicos da Espanha — Fernando e Isabel —, quem cunhou o nome ‘canibal’. O termo tem origem no idioma arawan — língua falada por tribos indígenas da América do Sul, povos caraíbas antilhanos, cuja derivação espanhola “caribal” (do Caribe) logo foi associada a práticas reportadas por viajantes europeus, que se referiam, preocupados, a costumes antropofágicos locais. O nome também foi vinculado a can (cão), e a Cam, personagem bíblico mencionado no livro de Gênesis. Filho mais novo de Noé, Cam, Canaã, rira da embriaguez do pai desacordado e por isso fora amaldiçoado e condenado a ser ‘servo dos servos’. Assim, pavimentava-se o caminho religioso para as futuras justificativas da escravização não só dos índios como dos negros africanos, ambos considerados descendentes da maldição de Cam. (2015, p.16 )

Desde os tempos passados as causas e justificativas para a escravidão eram regadas de impressões e julgamentos estereotipados, que os brancos tinham sobre a população encontrada nas terras brasileiras. Colombo naquela época escrevera uma carta à Coroa que assegurava que os povos encontrados no país eram preguiçosos, andavam nus, eram carentes de vergonha, pintavam o corpo para guerra e usavam apenas tatuagens, braceletes e colares para cobrir as intimidades. Os canibais, como foram denominados, não tinham valores da humanidade ocidental mas poderiam servir como bons escravos. (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p.16).

Os estereótipos culturais existem desde aquela época, e condicionava a percepção sobre aqueles povos que eram tidos com costumes estranhos e não humanizados perante o que estavam acostumados. “A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias [...]” (GOFFMAN, 1998, p.5). Todavia, os nativos tinham seus costumes longe dos padrões sociais pré estabelecidos pelos valores da sociedade, seus comportamentos eram naturais de acordo com suas vontades, conhecimentos e seus meios.

Um outro caso também semelhante é abordado no livro *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*: “[...] criado em um sótão, sem nenhum contato humano até os 18 anos Kaspar Hauser aparece em Nurembergue, por volta de 1828, com uma carta em que há referências à sua misteriosa origem; acolhido em casa do criminalista Feuerbach, é assassinado em 1833[...]. (BLIKSTEIN, 2003, p. 13). O livro traz questões sobre o real que na verdade é ilusório, através de signos e percepções que são reforçadas pela linguagem. O jovem que até aos 18 anos não viverá sobre nenhuma manipulações da sociedade, encarava as coisas de uma forma totalmente diferente, que para eles do vilarejo, era tido como uma pessoa totalmente fora dos padrões naturais e comuns, ou seja, o jovem ainda não havia recebido estereótipos culturais nem sociais sobre sua visão das coisas e do mundo, portanto agia de forma natural e primitiva.

Trazendo para a atualidade, hoje no século XXI tais atitudes ainda estão presentes no meio social. Os estereótipos geralmente são reproduzidos culturalmente sobre as relações sociais, e se manifestam quase sempre por meio de conceitos padronizados, sem algum tipo de conhecimento aprofundado sobre aquilo ou alguém. “A nossa cognição estaria sujeita, portanto, a um processo ininterrupto de estereotipação, a ponto de considerarmos real e natural todo um universo de referentes e realidades fabricadas.” (BLIKSTEIN, 2003, p. 82). Assim as mídias e meios comunicacionais pondera o uso de estereótipos na tentativa de deixá-lo mais familiarizado, o que acaba se tornando mais rentáveis quando relacionados aos negros. “Esses padrões perceptivos ou ‘óculos sociais’ constituem, em última análise, os estereótipos de percepção.” (BLIKSTEIN, 2003, p. 61) E eles colaboram de forma negativa para a sociedade, é necessário mudar e abordar um novo paradigma.

Hoje em dia negros têm contribuído em crescente escala nas grandes empresas e necessitam ver suas representatividades na tv de forma diversas e positivas. As mulheres negras que antes só tinham chance em casas de domésticas hoje já avançaram e chegaram à vários empregos melhores. É fundamental denunciar a pobreza, violência os crimes que devastam os negros, mas não limitar a experiência negra a ela. Quando se aborda somente um fato sobre determinado grupo, acaba dando a eles a certeza de que são daquela maneira. Assim como aborda a autora nigeriana Chimamanda Adichie na sua palestra “O perigo de uma única história”<sup>3</sup>, nela a

---

<sup>3</sup> Veja palestra completa O perigo de uma única história realizada em 2010 abordada pelo site Portal Geledes: <https://www.geledes.org.br/chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-unica-historia/>

palestrante cita sobre como a sociedade tira base de um determinado grupo, país ou coisa através de uma história somente e assim cria-se uma imagem generalizada que todos são da mesma forma ou passam pelas mesmas situações, um ponto que traz em sua palestra é: "Então, é assim que se cria uma única história: mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e será o que ele se tornará". Adichie fala sobre a criação de estereótipos, uma vez que a representação repetitiva do negro de forma negativa, reduz a diversidade de papéis que os mesmos podem assumir, privando-os de uma construção de identidade diversificada e plena de possibilidades. "A única história cria estereótipos. E o problema com o estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que eles sejam incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história".

---

### **3 VIOLÊNCIA SIMBÓLICA: a naturalização dos trabalhos subalternos**

A violência simbólica age de forma silenciosa dentro dos meios sociais, causando danos morais e psicológicos nas classes subalternas. Isso se faz por meio das classes dominantes como aborda o sociólogo Pierre Bourdieu. A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante, assegurando uma comunicação e integração entre os membros dessa mesma classe, em contraponto os distingue das outras, surgindo a partir desse fato o conceito de Bourdieu: a distinção. (BOURDIEU, 1989, p.10).

Para o sociólogo as pessoas têm quatro tipos distintos de capitais: econômico, social, cultural e simbólico. O primeiro está relacionado ao dinheiro, o segundo nas condições de estudo o terceiro em amizades e o último numa questão de reconhecimento e influência. A violência simbólica geralmente se dá pela falta de equivalência desses capitais e nem sempre os envolvidos têm consciência que estão sofrendo ou exercendo. “[...] o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem\*” (BOURDIEU, 1989, p.7-8). Com isso a percepção sobre o que está ocorrendo se torna ainda mais difícil.

Os negros são os mais afetados pela desigualdade socioeconômica e recebe vários tipos de violência diária: física, oral e em grande proporção a simbólica, ao pensar na mulher negra essas condições citadas anteriormente são duplamente aplicadas à elas. Bourdieu conceitua que as relações de comunicação são sempre relações de poder que dependem do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes. Os sistemas simbólicos é enquanto instrumentos estruturados e estruturantes da comunicação de conhecimento que cumprem sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação de uma classe sobre a outra, atuando como violência simbólica (BOURDIEU, 1989, p.11)

Os meios de comunicação habitualmente, corroboram para a execução da violência simbólica em grande escala. Cinemas, novelas, a maioria das programações da televisão em si, exibem os afrodescendentes constantemente em situações desfavoráveis, como pobres, violentos, criminosos, na figura da mulher negra como feita apenas para suprir prazeres sexuais, menina



nova com vários filhos, empregadas, etc..“Como se sabe, quando a mídia dá visibilidade aos afro-brasileiros, muitas vezes reforça os estereótipos relacionados a eles” (ALBUQUERQUE, 2016, p.24). A mídia falha na representação do negro como protagonista da violência, e na mulher negra como doméstica ou sexualizada pelo seu corpo, embora a realidade e indicadores demonstrem isso em alguns casos, “a primeira característica marcante do trabalho doméstico pago é que ele é feminino. O estudo apurou que 92% das trabalhadoras do setor são mulheres, sobretudo negras, pobres e com poucos anos de estudo formal.” (VILELA, 2019, p. 1) A falha está em muitas das vezes não contar a história completa, os negros em geral são as principais vítimas dessa violência. A falta de recursos, numa população socialista, contribui ainda mais para a dominação.

Em sua grande maioria a estereotipagem são de forma negativa, e os próprios afrodescendentes que estão sendo representado de maneira desfavorável nem ao menos percebem tal ação. Ou aceitam-a, pois essa situação na mente dele é algo natural que ele não entende a proporção, quando por exemplo se sentem desconfortáveis em situações que na visão deles estão em “vantagem” aos brancos, quando uma mulher branca serve café para uma negra, principalmente se ela tiver uma idade mais avançada, possivelmente ela não se sentirá à vontade, dado que na cabeça dela a “função” de servir cafezinho é da mulher negra e não da branca. Esse tipo de pensamento ocorre mais frequente nos antigos que sempre lidaram com esse tipo de reforço desde antigamente. “Vivemos em um país marcado pelo racismo e pela exclusão dos negros desde as origens da sociedade colonial” (XAVIER, 2013, p.21). Porém esse pensamento não restringe somente aos antigos, hoje é possível notar-se uma mudança nesse quadro, mas ainda há pessoas principalmente as mais simples que se acham inferiores, essas ideias foram fixadas na cabeça do povo negro como raízes fortes e levam tempo para serem desmistificadas. A vulnerabilidade social sempre os colocou por baixo e a violência simbólica reforça ainda mais.

Atitudes como essa de reforçar partes ruins dos negros, muita das vezes está relacionada à reprodução de ideias que pertencem às camadas dominantes (que detêm maior poder econômico, o capital), para as camadas minoritárias (que não possui capital equivalente nem aproximado), a fim de manter a ordem social. “A classe dominante é o lugar de uma luta pela hierarquia dos princípios de hierarquização: as frações dominantes, cujo poder assenta no capital econômico,

têm em vista impor a legitimidade da sua dominação quer por meio da própria produção simbólica[...].” (BOURDIEU, 1989, p.12) Cada um em suas classe sem gerar problema umas para as outros a dominante e a inferiorizada por meios desse poder simbólico que ambas acreditam ser real e não há questionamentos sobre essas atitudes, o aceitar uma situação talvez seja mais fácil que lutar contra ela. Assim como aborda Bourdieu (1989, p.9) “O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*; o sentido imediato do mundo (e, em particular do mundo social) supõe aquilo imediato que Durkheim chama de *conformismo social*[...]”

A democracia racial que é frequentemente abordada no Brasil, no qual se acredita que o país já se livrou totalmente do preconceito e vive-se numa “harmonia racial”, entretanto isso não se aplica aos dia atuais, “[...] a classificação legitimada por argumentos pseudocientíficos ainda influencia a construção da sociedade brasileira atual. Na pirâmide social que hierarquiza os grupos humanos, o povo negro é a base e o povo branco o topo” (XAVIER, 2013, p.20). Com isso ainda é frequentes os números de negros e negras que sofrem racismo e violência diariamente nas ruas, serviço, supermercado, etc. , isso está impregnado no DNA, na identidade nacional do país.

#### 4 TELEJORNALISMO BRASILEIRO E PRECONCEITO RACIAL

O primeiro jornal do Brasil foi transmitido no dia 19 de setembro, ano de 1950 pela TV Tupi<sup>4</sup>, com o nome de “Imagens do Dia”. Dois anos após, surgiu o jornal “Repórter Esso” que teve mais força e sucesso naquela época, transmitido primeiramente pela TV Tupi de São Paulo. A partir de então, foram surgindo outros telejornais na época, que a princípio eram realizados de formas simplórias e com pouca qualidade. Com o avanço das informações e parcerias com meios de comunicação de fora do país a qualidade dos trabalhos foram aumentando.

A primeira jornalista negra a aparecer na Tv foi Glória Maria<sup>5</sup> em 1971 pela Rede Globo durante a cobertura do desabamento do elevador Paulo de Frontin, no Rio de Janeiro. A partir daí, Glória Maria não parou mais, e assim foi fazendo seu nome em meio a vários programas de notícia da emissora. Entretanto, Glória é uma das poucas mulheres negras que teve uma trajetória tão marcante no jornalismo brasileiro, ainda mais por se tratar de um lugar que não traz nenhuma representatividade para a categoria, principalmente com a escassez de profissionais da raça/etnia ao longo dos anos. ”A falta de diversidade étnica no telejornalismo brasileiro torna-se um impasse na construção de uma sociedade mais igualitária, já que os afrodescendentes não se veem nesse espaço, portanto não se sentem devidamente representados” (ALBUQUERQUE, 2016, p. 42-43). Hoje em dia, é possível encontrarmos alguns nomes de jornalistas que estão na frente das telas, um número ainda considerado pequeno perante toda a população, todavia, assim como a Glória Maria já revelou que sofreu muitos preconceitos em sua trajetória, em um dos seus

---

<sup>4</sup> Veja em: <http://www.fgv.br/cpdac/acervo/dicionarios/verbete-tematico/tv-tupi>

<sup>5</sup> Veja biografia completa da jornalista em: <https://gente.ig.com.br/gloriamaria/#topoBiografia>

depoimentos ao caso de racismo sofrido por Maju<sup>6</sup>, Glória conta um pouco de como foi, quem traz é site de notícia Correio 24 horas<sup>7</sup>:

Sofri durante 10 anos com ataques racista. [...] Recebia os comentários por cartas e, depois, por e-mails. Não era uma declaração pública e vinha diretamente a mim, atingia a minha alma e meu coração. Hoje atinge o Brasil. A diferença é essa. Eu tinha que aguentar o tranco sozinha<sup>8</sup>

Esses profissionais também deparam com vários obstáculos, dentre eles o racismo frequente em suas profissões e foram e ainda são obrigados a lutarem contra isso diariamente.

Vários jornalista negros (da pequena lista que existe) já sofreram ataques racistas ao menos um vez. Assim como aborda o portal de notícias Comunique-se<sup>9</sup> que em 2018 a jornalista baiana Maíra Azevedo que foi vítima de racismo em uma live na qual ela estava realizando, e após expor o caso em suas redes sociais ela teria recebido ameaças de morte da pessoa que havia discriminado a profissional. O portal também traz exemplos de outros jornalistas como Maria Júlia Coutinho que recebeu ofensas no seu facebook em 2015, a Joyce Ribeiro que em 2014 passou pela mesma situação nas redes sociais.

A invisibilidade dos afrodescendentes no telejornalismo brasileiro, principalmente em relação às mulheres, pode se dar por meio da dificuldade em aceitar o diferente. Nesse caso, 'diferente' está relacionado ao fato de as pessoas não estarem acostumadas a ligarem suas televisões e verem jornalistas que não se enquadram no padrão europeu apresentando as notícias. Para alguns espectadores, eles podem causar desconforto e até mesmo repulsa e, por isso, podem sofrer ataques virtual e pessoalmente. (ALBUQUERQUE, 2016, p. 47)

A partir dessa dificuldade de aceitação que surgem atitudes racistas, além disso, se torna ainda mais difícil a luta, quando os próprios colegas de trabalho apresenta uma conduta errônea. Em 2009 trazido pelo site de notícia Comunique-se, o repórter Heraldo Pereira foi chamado de

---

<sup>6</sup> A apresentadora da previsão do tempo em julho de 2015 que sofreu comentários racistas dos internautas do jornal. Os comentários surgiram em uma foto publicada na página oficial do JN no Facebook. Internautas afirmaram que Maju só entrou no jornal pelas "cotas". "Só consegui emprego no Jornal Nacional por causa das cotas. Preta imunda". Outros ainda fizeram piadas de cunho racista.

<sup>7</sup> Disponível matéria completa

em:<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/sofri-durante-10-anos-com-ataques-racistas-diz-gloria-maria/>

<sup>8</sup> Disponível em:

<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/sofri-durante-10-anos-com-ataques-racistas-diz-gloria-maria/>

<sup>9</sup> Comunique-se um site de notícias de São Paulo que traz a reportagem com a Jornalista que sofreu ataques racistas na rede, veja em:

<https://portal.comunique-se.com.br/brasil-2018-jornalista-e-vitima-de-racismo-e-recebe-ameacas-de-morte/>

“Negro de alma Branca” pelo colega de profissão, jornalista Henrique Amorim. Atitude essa, que foi tida como discrepante de um profissional que está a frente das telas, levando informações para a população. Contudo é possível notar a diferença quando se compara homens negros e mulheres negras, na maioria das vezes a elas sofrem mais, pelo fato de passarem por dois modos discriminatórios, o da raça e gênero. A jornalista e blogueira Tati Sacramento conta um pouco desses modos no site de notícia Portal Geledés<sup>10</sup>, quando é questionada sobre “Como é ser mulher negra no Brasil?”:

É um desafio constante visto que a sociedade é machista e racista. Ou seja, desafio dobrado. A equação se torna mais complexa quando nos deparamos com o fato das mulheres negras estarem mais empoderadas, e portanto não se isolam mais nos serviços domésticos e não se submetem mais a condição de objeto sexual. Essa ‘ousadia’ da mulher negra tem desafiado constantemente os pensamentos que pararam no período pré-abolicionista. Mas o recado está sendo dado diariamente<sup>11</sup>

Questionada com a mesma pergunta pelo Portal Geledés sobre como é ser uma mulher negra no Brasil a jornalista e cineasta Ceci Alves fala sua percepção sobre o assunto:

Sonho com o dia em que não tenha mais que responder a esta pergunta. Em que os atributos ‘mulher’ e ‘negra’ não sejam mais vistos como um problema a ser transposto, ou uma diferença inconciliável para se obter aceitação social. Ser mulher e negra no Brasil ainda é uma distinção, mas não na melhor acepção do termo. Por exemplo, é comum você ouvir a frase ‘que negra linda!’, como se fosse uma coisa fora do normal e digna de nota você acumular as duas coisas: ser ‘negra’ e ser ‘linda’. Tipo, você não diz: ‘olha, que branca linda!’, porque é como se ser branca e linda fosse o normal, o normativo, o comum. Ou aquela velha máxima: ‘ah, se é negra, tem que se esforça o dobro’, ou seja, realçando a falta de oportunidades e jogando sobre os nossos ombros a necessidade de reverter esse quadro, como se a desigualdade fosse nossa culpa, ou como se merecêssemos estar em situação desigual. Tudo isso é muito cansativo<sup>12</sup>

Fatos assim, como esse citado anteriormente de “racismo de colegas do mesmo local de trabalho” não é algo isolado, a Folha de São Paulo<sup>13</sup> publicou em março deste ano, uma matéria

<sup>10</sup> Mulheres negras são maioria, mas ainda sofrem com preconceito. Veja em:

<https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-sao-maioria-mas-ainda-sofrem-com-preconceito/>

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-sao-maioria-mas-ainda-sofrem-com-preconceito/>

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-sao-maioria-mas-ainda-sofrem-com-preconceito/>

<sup>13</sup> Reportagem da folha se São Paulo sobre jornalistas de emissora. Veja em:

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/03/para-nao-esquecer-o-racista-do-telejornal.shtml>

abordando um caso de racismo entre profissionais da mesma emissora de TV. Na reportagem eles relatam que, havia um grupo de WhatsApp formado por jornalistas da TV Record, com o objetivo de proferir ofensas e difamações contra colegas negros da casa e tal atitude teria “vazado” para a internet. A Folha também traz outros episódios de jornalistas que cometeram fatos parecidos, porém com pessoas de fora do meio jornalístico, e cita o exemplo mais recente ocorrido em fevereiro que é o do jornalista Bocardi, apresentador do jornal Bom dia São Paulo da Globo, que durante uma entrevista ao vivo sobre a situação do transporte público da cidade, “confundi” o entrevistado (negro) que era atleta profissional do Clube Pinheiros com um “Catador de bolinhas”. Bocardi diz frequentar o Clube e achou que o rapaz fosse um dos jovens que catava bolinha para ele, os gandulas, termo como é usado nos meios futebolísticos. Essa foi a justificativa dada por ele em rede nacional, e ficou por isso mesmo, o jornal seguiu como se não houvesse ocorrido nada. Na mesma hora os comentários nas redes sociais reprovando a atitude do jornalista foram surgindo assim como traz a página da Uol<sup>14</sup>. Ou seja, só porque o rapaz tinha um tom de pele mais escuro e usava uma blusa igual a dos trabalhadores de catador o garoto também seria gandula. Ao menos isso que foi deixado bem claro através dessa atitude do apresentador para os internautas.

Os perigos políticos inerentes ao uso ordinário da televisão devem-se ao fato de que a imagem tem a particularidade de poder produzir o que os críticos literários chamam de efeito do real [...]. As variedades, os incidentes ou os acidentes cotidianos podem estar carregados de implicações políticas, éticas etc. capazes de desencadear sentimentos fortes, frequentemente negativos, como o racismo. (BOURDIEU, 1997 apud ALBUQUERQUE, 2016, p. 28).

Acontecimentos dessa natureza de confundir pessoas negras com aspectos desfavoráveis ocorrem frequentemente, a luta dos negros por igualdade e respeito ainda tem muito a ser conquistada, principalmente quando as pessoas começarem analisar de outra forma as programações e tudo que são apresentadas na tv, assim como aborda Albuquerque (2016, p. 30) “[...] devido à dificuldade de formar um pensamento crítico em relação às notícias de modo ágil,

---

<sup>14</sup> Veja vídeo e comentários

em: <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2020/02/07/bdsp-web-ve-preconceito-em-fala-de-bocardi-e-apresentador-rebate.htm>

pode-se inferir que se torna natural aceitar as formas estereotipadas representadas na TV, justamente pela falta de tempo em analisar profundamente o conteúdo dos telejornais”.

Chega quase ser impossível tratar sobre o preconceito racial no país sem fazer menção ao processo histórico de construção da sociedade brasileira. No qual, foi selada por um passado escravocrata, porém, é necessário quebrar esses paradigmas, essas atitudes devem começar principalmente através dos canais de comunicação que muitas das vezes acabam sendo os grandes responsáveis em propagar esses tipos de condutas.

Pesquisas recentes sobre o papel da imprensa mundial na reprodução do racismo têm chegado à conclusão de que as instituições e grupos da elite branca dominante, inclusive a maior parte dos meios de comunicação, podem ser aliados próximos na reprodução da desigualdade étnica (SODRÉ, 2015 apud ALBUQUERQUE, 2016, p. 21).

Mesma situação também abordada no programa Ver TV<sup>15</sup> que debate a presença do negro na tv brasileira e um dos entrevistados Joel Zito Araújo cineasta cita que as pessoas das TVs tendem a reforçar que o ser humano é branco, o resto das raças/etnias são coadjuvantes. A beleza é branca, a ascensão social é branca, com isso os negros, indígenas e outras raças/etnias só entram na história como subalternos. Gerando assim, no próprio branco um poder de superioridade equiparado com as outras. Ele também afirma que a responsabilidade é muito grande, a TV pública tem o papel de mudar isso, tanto quanto as empresas públicas e também o governo. A advogada Ludmila Cruz, também aborda que a TV vem ratificar o racismo que existe nesse país, em nenhum momento ela trabalha para mitigar, pra tratar com igualdade, a TV faz sempre seu papel de forçadamente colocar o negro no “seu lugar”.

No atual cenário do jornalismo brasileiro, existe uma escassez de profissionais negros nas redações ou telejornais. ”Em um mundo dominado pela lógica capitalista que impõe à formação do indivíduos sua adequação ao mercado de trabalho [...] (SANTAELLA; NÖTH, 2004, p. 28) mercado esse que é bem seletivo, uma vez que, o país é marcado por sua diversidades racial a representação da raça/etnia na tv deveria ser maior, principalmente no horário nobre, em que, é nesse período que grande parte das famílias estão em casa e reservam o tempo na frente da

---

<sup>15</sup> Veja o Programa na integra em:

<https://tvbrasil.ebc.com.br/vertv/episodio/ver-tv-debate-a-representacao-do-negro-na-televisao>

televisão para acompanhar as notícias do mundo. Em contraponto, não é dessa maneira que ocorre, há uma suposta predominância dos brancos na telinha, que acaba reprimindo o negro “[...] é preciso saber quem é excluído e quem se exclui. A censura mais radical é a ausência. É preciso pois considerar as taxa de representação (no sentido estatístico e no sentido social) [...]” (BOURDIEU, 1989, p.55). Se as taxas dizem ao contrário, a falta da representação na mesma proporção acaba sendo questionável e tida também como parte do racismo, que se desenvolve de várias formas.

Em março deste ano a vencedora do BBB e médica Thelma Assis e novamente a jornalista Maju Coutinho foram alvos de comentários racistas de um empresário. A Folha de Pernambuco<sup>16</sup> aborda que o ex-diretor da Band e empresário Rodrigo Branco, participava de uma live da digital influencer Ju de Paulla, quando num determinado assunto sobre o reality show falou que: “torcer por Thelma é racismo” se justificando que só havia torcida pra ela porque “ela é negra coitada”, não parando por ai, resolveu falar também da jornalista: “Ela é péssima, é horrível. Eu assisti hoje e ela fala tudo errado. Ela só está lá por causa da cor”.

Na mesma matéria traz também a fala sobre o caso da filósofa e ativista Djamila Ribeiro que diz: “Branco se refere à Thelma como 'negra coitada', expressão comumente usada por racistas para, do alto dos seus privilégios, darem a entender que mulheres negras se fazem de vítimas para conseguir o que querem”.

Em seu livro “Quem tem medo do feminismo negro?” Djamila fala sobre a imposição de opiniões: “O que mais me assusta é a pessoa nem sequer se importar se sua opinião tem relação com a realidade ou se é disseminadora de preconceito”(RIBEIRO, 2018 , p. 22)

Pensamentos como o do empresário, são frequentemente exposto, as mulheres negras em sua condição inferiorizada na sociedade são caracterizadas por grande parte dos homens como “coitadas e vitimistas”. Isso pois, esses exemplos são de mulheres que têm condições financeiras e sociais melhores que muitas das espalhadas pelo país, e mesmo assim sofrem esses tipos de preconceito, imagina aquela que não tem estudo ou recurso sofrem em dobro com falas machistas e racistas. A filósofa ainda reforça:

---

<sup>16</sup> Empresário que faz comentários racistas contra Thelma e Maju. Veja completo em: <https://www.folhape.com.br/cultura/empresario-faz-comentarios-racistas-contra-maju-coutinho-e-thelma-assis/135561/>



Querer se valer do discurso da liberdade de expressão para destilar racismo, machismo, transfobia ou se esconder por trás do argumento “É minha opinião” é criminoso. Racismo é racismo, machismo é machismo, mesmo que venha na forma de opinião. E devem ser combatidos. (RIBEIRO, 2018, p. 22)

Um outro caso que aconteceu recentemente, mais precisamente dizendo em maio deste ano, trazido pelo site CNN Brasil<sup>17</sup>, foi quando um repórter da sua emissora, Omar Jimenez negro que estava cobrindo o terceiro dia de protesto da cidade de Minnesota contra a morte de George Floyd e ao vivo foi preso e algemado pelos policiais mesmo se identificando e mostrando seu crachá. O produtor Bill Kirkos e o fotógrafo Leonel Mendez, membros da equipe de Jimenez, também foram presos. O curioso é que o repórter Josh Campbell, branco e do mesmo grupo de jornalistas, chegou a ser abordado, mas o "trataram muito diferente" e o deixaram continuar com o seu trabalho. "Eu me identifiquei e eles disseram 'ok, você tem permissão para ficar na área'", descreveu Campbell, diferente de Jimenez - que é negro e latino -, não foi levado para a delegacia.

No momento em que estava sendo algemado, Omar ainda perguntou aos policiais por que ele estava sendo preso. Eles disseram que o jornalista foi instruído a mudar de lugar e não acatou à ordem. Antes do ocorrido, Jimenez pediu aos policiais para avisá-lo caso quisessem que ele e sua equipe se deslocassem. Meia hora após a prisão todos foram soltos e Jimenez falou que ficou satisfeito com o fato de que as pessoas puderam ver a situação que estava no país. "Aquilo me deu um certo conforto por saber que vocês viram o que estava acontecendo. Eu vivi o que estava acontecendo e o país viu o que estava acontecendo em tempo real"<sup>18</sup>, afirmou.

A emissora criticou a prisão dos funcionários e ainda pediu a liberação da equipe imediatamente e considerou o ocorrido como uma violação dos direitos da Primeira Emenda que protege os direitos fundamentais dos cidadãos norte-americanos contra interferências do governo,

---

<sup>17</sup> Veja em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2020/05/29/jornalista-da-cnn-e-detido-durante-cobertura-de-protestos-e-m-minneapolis>

<sup>18</sup> Veja em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2020/05/29/jornalista-da-cnn-e-detido-durante-cobertura-de-protestos-e-m-minneapolis>

proibindo o estabelecimento de qualquer lei que impeça a liberdade de religião, de expressão e de imprensa e as associações pacíficas.

O caso também foi comentado pelo site Alma Preta<sup>19</sup> no qual a jornalista Débora Britto fala sobre sua percepção sobre o ocorrido com Omar e como a população negra é tratada. Em uma de suas falas ela aborda o tratamento do apresentador do jornal que Jimenez estava ao vivo:

Quando a âncora da CNN afirma que Omar ‘não poderia ter feito seu trabalho de maneira mais profissional’, o que parece estar implícito ali é uma parabenização por não reagir. Alguém pode imaginar o que aconteceria se ele aumentasse o tom de voz em algum momento? (Quantos vídeos de repórteres brancos sendo detidos e reagindo energicamente contra a polícia você consegue lembrar? Me veem à memória vários, instantaneamente).<sup>20</sup>

A jornalista ainda conta uma de suas experiências com o racismo que se assemelha à do Omar:

Jornalistas negras e negros, como eu, sabemos exatamente a sensação de estar trabalhando e, ao mesmo tempo, estar alerta para se identificar devidamente. Aprendemos a lidar com curiosas e ‘genuínas’ confusões de interlocutores que julgam que não estamos ali trabalhando como repórteres. Sabemos da tensão de estar cobrindo na rua qualquer evento que envolva a polícia. Ela está sempre ali. Pode não acontecer nada, mas não podemos contar com a certeza da passagem livre. Certa vez, na cobertura de um evento com o presidente Bolsonaro, da rua, eu ouvi de uma policial nervosa que meu lugar era do outro lado, apontando para o lado da barreira em que estavam manifestantes contrários ao presidente. Apesar do crachá pendurado no pescoço, apesar do telefone, bloco de notas e caneta nas mãos.<sup>21</sup>

Atitudes racista e violências contra negros acontecem também daqueles que deveriam proteger e coibir tais atitudes. Uma reportagem do jornal do SBT Brasil<sup>22</sup> sobre ações policiais foi feita e demonstrou alta violência, a pesquisa foi realizada pela Rede de

---

<sup>19</sup> A jornalista analisa o comportamento da imprensa tradicional, que tem tratado o sofrimento da população negra como um espetáculo midiático. Disponível em:

<https://almapreta.com/editorias/o-quilombo/a-nossa-revolta-com-o-racismo-e-dor-nao-e-espetaculo-jornalístico>

<sup>20</sup>Veja em:

<https://almapreta.com/editorias/o-quilombo/a-nossa-revolta-com-o-racismo-e-dor-nao-e-espetaculo-jornalístico>

<sup>21</sup>Veja em:

<https://almapreta.com/editorias/o-quilombo/a-nossa-revolta-com-o-racismo-e-dor-nao-e-espetaculo-jornalístico>

<sup>22</sup> Exibida em 14 de julho deste ano. Veja dados em:

<https://www.youtube.com/watch?v=EtOfTEBnJrQ&list=PLfY0CqsFwo-VPY6sWZnJ63GWkLr4ahQz5&index=8>

Observatório de Segurança que durante 1 ano levantou dados em cinco estados no país de casos de racismo que na maioria das vezes não aparecem nas estatísticas oficiais. O número de violência contra pessoas negras dentro de um ano foram mais de 12 mil casos entre Bahia, Ceará, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo, desses números apenas 50 foram registrados como racismo e injúria racial. A pesquisa também analisou sete mil ações policiais principalmente em favelas, que resultaram em quase mil mortes, entretanto, em todos os boletins analisados só apareceu uma menção da palavra negro ou negra, palavras como racismo e racial nem sequer apareceram. Sendo que, na maioria das vezes os que são mortos são negros e pardos, assim como mostra a matéria do site G1<sup>23</sup> em que, 78% dos mortos em ações policiais no Rio de Janeiro eram pretos e pardos, esses números deixam mais claro sobre uma racismo estrutural, na reportagem ainda traz a fala da pesquisadora Obirin Odara sobre a segurança do país: “Se a gente for olhar a função da Segurança Pública, ela nasce para proteger os bens e propriedades da classe dominante. Ela não nasce para proteger o pobre, preto e favelado. Se a Segurança Pública entende que, para proteger a classe dominante, precisa matar os negros, ela vai matar” afirma Odara.

---

<sup>23</sup> Matéria divulgada em junho deste ano. Veja completa em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/06/06/pretos-e-pardos-sao-78percent-dos-mortos-em-aco-es-policiais-no-rj-em-2019-e-o-negro-que-sofre-essa-inseguranca-diz-mae-de-agatha.ghtml>

## 5 MULHERES NO JORNALISMO: perspectivas de gênero e étnicas

Ser mulher não é uma tarefa fácil e quando se trata da área profissional, esse fator dificulta ainda mais, uma vez que, em grande parte das profissões as mulheres têm que lidar com a desigualdade de gêneros.

Dentro do meio jornalístico, o tratamento em relação ao homem e a mulher é bem diferenciado, o problema é ainda mais sério, pois as jornalistas sofrem diferentes tipos de assédios e violências em suas rotinas trabalhistas, abusos hierárquicos e distinção nas divisões de reportagens. Uma pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI) e a Gênero e Número<sup>24</sup> que entrevistou 477 mulheres de 271 veículos diferentes, constatou que uma grande maioria enfrentam ou já enfrentaram algum tipo de atitude machista: 73% da jornalistas que responderam à pesquisa afirmaram já ter escutado comentários ou piadas de natureza sexual sobre mulheres no seu ambiente de trabalho; 64% já sofreram abuso de poder ou autoridade de chefes ou fontes; 83,6% das respondentes já sofreram algum tipo de violência psicológica nas redações.

A pesquisa ainda traz vários relatos de comportamentos inadequados vivenciados no ambiente de trabalho. Atitudes dessa natureza acontecem com uma certa frequência, por isso é de suma importância as mulheres terem noções dessas discrepâncias e rebater contra.

Na busca pelo desvendamento das desigualdades que ainda prevalecem entre homens e mulheres no mercado de trabalho de jornalismo, das relações de poder, é importante registrar a percepção que as jornalistas têm das questões de gênero dentro da profissão e as experiências vividas devido a estas desigualdades. (TEMER; MORAIS, 2018, p.14)

Outro ponto que é possível notar, são as escolhas das matérias para elas, geralmente são de segmentos diferentes dos homens, evitando alguns assuntos específicos, assim como mostra o site de notícia Casa Fluminense<sup>25</sup>, que a cobertura jornalística na América Latina é fundamentalmente centrada nos homens e as mulheres são frequentemente alocadas em notícias

<sup>24</sup> Veja pesquisa completa em: <http://gnjb-spa.surge.sh/> Acesso em: 05 set. 2020

<sup>25</sup> Veja em: <https://casafluminense.org.br/mulheres-no-jornalismo-brasileiro/> Acesso em: 05 Set. 2020

relacionadas à família, beleza e cosméticos do que à economia ou política. Cria-se portanto uma divisão sobre o que as mulheres podem falar ou não.

A distinção de gênero ainda é concepção que afeta muito as mulheres em vários níveis diferentes. E a falta delas dentro de alguns veículos de comunicação do país, é significativa, assim como aborda CANDIDO e FERES JÚNIOR (2014 , p.1):

A interação entre gênero e cor/raça é fundamental para não invisibilizar a situação específica das mulheres negras (pretas e pardas). A Folha de São Paulo não possui sequer uma colunista negra. Já o jornal O Globo apresentou 4% de mulheres negras nessa função, enquanto o Estadão ficou com 1%. A concessão de lugar de fala em importantes meios de comunicação pressupõe um conhecimento que deve ser exposto e tomado como referência, seja para embasar reflexões críticas, ou para estimular a formação de gostos. A baixa participação de mulheres brancas e a quase exclusão de homens negros e, sobretudo, de mulheres negras demonstram a não democratização de um importante nicho de formação de opinião.

Um aspecto a ser pontuado também é sobre as funções exercidas pelas mulheres no âmbito profissional que tendem a ser voltadas para áreas específicas que as permitem uma flexibilidade de horário maior, devido seus afazeres em casa:

Estabelecendo um paralelo com as funções extrarredação (como assessoria de imprensa e ensino), majoritariamente exercidas por mulheres, podemos dizer que as mesmas colaboram para maior adesão feminina na medida em que oferecem melhores condições de trabalho que as redações, o trabalho autônomo e a flexibilização necessária à jornada dupla. (SANTOS, 2018, p.74)

Uma vez que as mulheres assumem dupla atividades trabalhistas com mais frequência que os homens, é mais comum que elas optem por contratos mais flexíveis que as possibilitem de ajustar as tarefas de trabalho, casa, filhos entre outros. Dificultando-as também ter um lazer, em razão disso, gerando um desgaste emocional com essa jornada pesada. De acordo com dados da Pesquisa Nacional de Amostra por domicílios (PNAD)<sup>26</sup> de 2015, no Brasil as mulheres gastam em torno de 10 a mais horas que os homens em trabalhos domésticos: as jornadas semanais dos homens correspondem em média 50,8 horas, a das mulheres somando o trabalho principal às atividades domésticas equivalem a 50,4 horas.

---

<sup>26</sup> <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf>

As desvantagens femininas aparecem também em relação aos salários, no Brasil, homens ganham mais que as mulheres, e essa diferença não é pouca. O site IstoÉ<sup>27</sup> aborda dados que equivalem a essa diferença gritante entre os salários: em 2011, homens com ensino superior ganhavam, em média, R\$ 3.058, enquanto as mulheres com o mesmo nível de formação ganhavam, em média, R\$ 1.865, uma diferença de salário de 63,98%. Em 2012, essa diferença começou a cair, passando para 61,78%. Já em 2018, chegou a ser 44,7%, com homens ganhando, em média, R\$ 3.752 e, mulheres, R\$ 2.593. Porém, em 2019, a diferença aumentou e passou a ser de 47,24%, com homens ganhando em média R\$ 3.946 e, mulheres, R\$ 2.680.

O Brasil está aquém em igualdade salarial, igualdade de gênero e qualquer outro tipo de igualdade, quando abordamos questões raciais essa discrepância fica ainda maior, atos discriminatórios para com os negros e principalmente para mulheres negras são fortes, pois elas passam pelo conceito da interseccionalidade, que "traduz as várias formas como raça e gênero interagem para moldar as múltiplas dimensões das experiências das mulheres negras." (CRENSHAW, 1991 apud LOPES; WERNECK, 2017, p.18). Deixando-as vulneráveis de ambos lados com ataque, violências, entre outros. De acordo com Galdino (2018, p.40) ser mulher negra no Brasil é sofrer duplamente com o racismo e o sexismo que funcionam como operadores simbólicos da forma como as mulheres negras são retratadas no país. E no quesito mercado de trabalho os meios de exclusão começa pela aparência. Os artifícios pelos quais as negras têm que lutar diariamente são distintos, Louback aponta três modos em que as afrodescendente têm que enfrentar:

[...] há três tipos de relações para pensarmos a condição das mulheres negras sob esta lente: intragênero (com a mulher branca), intrarraça (com o homem negro) e interracial/intergênero (com o homem branco). Nesse sentido, a opressão racial é o elemento que entra em cena para evidenciar – confrontar – as vivências em detrimento da raça e do gênero. ( 2018, p.37)

Por mais que as lutas para todas as mulheres sejam em uma só esfera a de mais igualdade equiparada com os homens tanto em salários, reconhecimentos, oportunidades, enfim coisas do

---

<sup>27</sup> Após 7 anos em queda, diferença salarial de homens e mulheres aumenta. Matéria postada 3 de março de 2020. Veja em: <https://www.istoedinheiro.com.br/apos-7-anos-em-queda-diferenca-salarial-de-homens-e-mulheres-aumenta/#:~:text=Em%202019%2C%20a%20diferen%C3%A7a%20aumentou,%2C%20mulheres%2C%20R%24%202.680. Acesso em: 09 set. 2020>

tipo, quando analisa-se as questões separadamente é improvável achar que todas as mulheres passam pelas mesmas situações.

A expressão que acorrenta o feminismo sob ótica eurocêntrica e universal nos alerta para as barreiras levantadas quando não se compreende que estamos falando de mulheres com vulnerabilidades diferentes. Por isso, é necessário sempre perguntar de quais realidades de gênero estamos falando? Não podemos unificá-las e tratar de forma unilateral. Este é um dos primeiros passos para a base da compreensão do feminismo negro e tensionar todos os limites da lógica “tradicional”. (LOUBACK, 2018, p.38)

Todas as mulheres sofrem em relação ao gênero, entretanto, há mulheres que estão mais suscetíveis à uma opressão maior, ser mulher negra e não ter seu valor reconhecido por sua competência, seu lugar na sociedade e ainda ter que lutar contra outras diferenças e coisas que as diminuem é bem diferente do que uma mulher branca que tem todos seus outros valores perante a sociedade intactos e permanecem com a luta voltada eventualmente para igualdade de gênero. “É necessário entender de uma vez por todas que existem várias mulheres contidas nesse ser mulher e romper com a tentação da universalidade, que só exclui.” (RIBEIRO, 2018, p.35) As Negras passam por meios de exclusão que são pontuando sobre aspectos naturais da raça, que as obrigam mudar para se padronizar ao estilo mais próximo do europeu, como a cor da pele não é possível são usados outros aspectos de mudança para tentar “melhorar” ou mostrar uma imagem mais adequada, isso quando chegam. quando não param na barreira chamada cor.

A página O Tempo<sup>28</sup> traz uma reportagem no qual relata que, candidatas negras com penteados naturais ou tranças afro são vistas como menos profissionais do que as com cabelos alisados. Isto é, se uma mulher negra quer arrumar um emprego e ser vista como profissional competente ela não pode assumir seus fios naturais, deve passar por alisamentos para ter uma harmonia facial mais adequada ao padrão brasileiro de beleza. Não é somente o cabelo que faz as mulheres negras serem as menos escolhidas “além do gênero, é notório que a cor da pele também é um grande obstáculo na ascensão e reconhecimento profissional [...]” (GALDINO, 2018, p.48). Em uma entrevista de emprego a cor da pele sempre chegará primeiro do que a

---

<sup>28</sup> Preconceito com cabelo crespo reduz contratação de negras. Postado em 5 set. 2020  
<https://www.otempo.com.br/brasil/preconceito-com-cabelo-crespo-reduz-contratacao-de-negras-1.2381651> Acessado em: 09 set. 2020

competência da participante, mesmo que essa tenha ótimas qualificações. Razão essa que chega a ser mais complicado numa luta por um bom emprego.

Uma mulher negra na profissão de jornalista, com a falta de representatividade e o quão discriminadas são em suas rotinas, muitas das vezes não sentem aptas para o cargo. A Jornalista Luciana Barreto em entrevista para o programa Ver TV de relata seu sentimento ao receber uma oportunidade na frente das telinhas:

Assim que surgiu oportunidade de fazer vídeo, eu tive uma recusa muito grande. Eu tive uma recusa muito grande e hoje eu entendo que a gente tem essa recusa porque a gente não se vê na televisão brasileira. Então eu não tinha referência, eu achava que não estava adequada para aquele cargo, no caso reportagens e depois apresentação<sup>29</sup>.

E assim como a Luciana há várias outras colegas de profissão e de raça/etnias que passam pelas mesma situações. Fatos relatados por seis profissionais da rede Globo que participaram do Globo Repórter<sup>30</sup> especial para falar sobre as onda de protestos contra o racismo que aconteceu em Minneapolis quando George Floyd foi assassinado. Quem comandava o programa era Heraldo Pereira, juntamente com Glória Maria que fez uma breve participação no início, Zileide Silva, Maria Júlia Coutinho, Aline Midlej, Flávia oliveira e Lilian Ribeiros, ambos falaram do caso do George mas também relataram sobre episódios de racismo que já sofrem até chegarem em suas posições de destaque atualmente e ainda assim estão sujeitos a passar por coisas do tipo. Como aborda a Maju num determinado ponto do debate que ela cita a fala Munanga sobre o racismo que consegue se atualizar se modificar com o passar do tempo, a jornalista também pontua a questão do discurso de meritocracia não deve ser usados pois nem todas as mulheres negras saíram de uma família estruturada que tivesse condições de investir em estudo, fato que ambas afirmaram que só conseguiram furar o bloqueio do racismo através da educação. Enfim, é preciso ter lutas, esforços, famílias que deem condições e oportunidades, coisas que não estão sujeito à todas as mulheres negras. Heraldo na condição de homem, jornalista e negro pontua uma

---

<sup>29</sup> Programa de Ver TV debate a representação do negro na televisão. Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/vertv/episodio/ver-tv-debate-a-representacao-do-negro-na-televisao> Acesso em: 09 set. 2020

<sup>30</sup> Globo Repórter exibido no dia 5 jun. 20 . Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8607371/> Acessado em: 2 set. 2020



frase importante e que afirma que há diferença interraciais e principalmente entre homens e mulheres da raça negra:

Os negros e as negras, especialmente no Brasil, a situação da mulher negra é muito pior que a situação do homem negro no Brasil, que já é uma situação de muita dificuldade, de muitos enfrentamentos. Quem é negro no Brasil enfrenta a questão racial todos os dias a todo momento tem barreira racial<sup>31</sup>.

---

<sup>31</sup> Veja em: <https://globoplay.globo.com/v/8607371/>

## 6 MATERIAL E MÉTODO

Para fazer as análises, de quantos jornalistas negros aparecem nos jornais, foram selecionadas cinco maiores emissoras da TV brasileira, estas, foram escolhidas por se tratarem da grande audiência e serem as mais conhecidas no âmbito nacional. Os jornais observados foram aqueles que passam em horário nobre, que é um período que costuma ser exibidos os programas dentre os mais importantes de cada emissora, cuja maioria da população se encontra em casa e busca um momento de lazer junto à TV, com isso, o espaço comercial dentro dessas horas que vão das 18h até as 21h costumam ser os mais caros, não é atoa que os jornais e novelas são exibidos nesse intervalo de tempo.

As análises foram no: Jornal da Band que começa às 19h20, seguido pelo RedeTV News às 19h30, após o Jornal da Record e SBT Brasil que começam no mesmo horário às 19h45 e por último o Jornal Nacional que inicia às 20h30. Como os horários deles são bem próximos e a duração de cada giram em torno de uma hora, foi necessário o uso das plataformas digitais dessas emissoras, inclusive dos próprios jornais em específico, no qual ficam armazenados diariamente a programação.

O período escolhido para a análise foi de uma semana, os jornais são exibidos de segunda a sábado. Todos esses dias eram necessário pois, assim era possível uma melhor e concreta avaliação, uma vez que, a principal tarefa e essência do trabalho era analisar a frequência e quantidade dos profissionais afrodescendentes. Uma avaliação em menos dias seria incompleto para chegar num resultado significativo.

O método de execução da pesquisa foi simples porém demorado, cada jornal transmitido pela emissora era analisado e contabilizado quantas notícias ao todo nele continha, quantas eram feitas por brancos e quantas por negros, era escritas as manchetes e os nomes dos repórteres e também a cidade em que estavam realizando a matéria. Pois, dessa maneira era mais fácil fazer a contagem final e a comparação. Foram anotados somente reportagens que tinha a presença do repórter na tela, as notas cobertas ( conhecidas no meio jornalístico) que tem somente a narração dos fatos, não foram contabilizadas. Após cada averiguação diária dos jornais, foi totalizado os cinco e feito um paralelo entre as diferenças. No qual será apresentado no próximo tópico

Segue abaixo o modelo de como foi realizado as anotações diária dos jornais:

**13/07/20 SEGUNDA FEIRA**

**JORNAL DA BAND - 19H20**

<https://www.youtube.com/watch?v=x2ld1-KX9kM>

Apresentadores: Eduardo Oinegue/ Lana Canepa/ Joana Treptow(tempo)/ Paloma Tocci (esporte)

- 1- Quatro PMs afastados das ruas em São Paulo - Roberta Scherer-SP
- 2- Chefe de quadrilha é preso no Rio de Janeiro - Marcus Sadok-RJ
- 3- Homem mata ex e atira em mais nove pessoas - Itamar Buzzata-Campo Grande
- 4- Gasolina de aviação contaminada, distribuidoras suspendem vendas - Filipe Peixoto-SP
- 5- MP ainda desconhece origem de fortuna de Secretário de Saúde do Rio - Fernando David-RJ
- 6- Parques reabrem em São Paulo - Sandra Redivo-SP
- 7- Clientes voltam ao salões de beleza - Maiara Bastianello-SP
- 8- Bares e restaurantes em São Paulo maioria funcionam dentro das regras - Juliano Dip-SP
- 9- Cresce tratamento sem uso de respirador - Marcio Campos-SP
- 10- Resgate de pinguins aumentou este ano - Alexandre Tortoriello-RJ
- 11- Flamengo leva a melhor no primeiro jogo - Thiago Carvalho-RJ
- 12- Agricultura sofre com excesso de água - Ticiano Kessler-RS
- 13- Candidatos buscam “match” com emprego - Ramon Ferraz-Salvador
- 14- Idosos na rua: sair só o necessário ainda é regra - Marina Machado-SP
- 15- Nova York: cidade zera mortes por covid-19 - Eduardo Barão-NY
- 16- 73 leitos para pacientes com covid-19 - Rodrigo Miranda-Ceilândia
- 17- Os desafios para o futuro da educação - Olivia Freitas-SP
- 18- Defesa vai acionar PGR contra ministro - Valteno de Oliveira-Brasília
- 19- Dia do Rock: como o ritmo entrou na música brasileira - Juliano Dip-SP
- 20- Acelerador de partículas: Sirius mostra detalhes do coronavírus - Tiago Prudente-Campinas
- 21- Fim da desoneração a 17 setores: reunião amanhã discute derrubada de veto - Caiã Messina-Brasília

**BALANÇO:**

Matérias: 21

Jornalistas Negras e Negros: 0

Entrevistados Negros: 0

Através das manchetes era possível fazer também uma verificação sobre qual assunto cada repórter era colocado para fazer. O foco do trabalho é os jornalistas negros, entretanto, juntamente foram averiguado se havia algum entrevistado negro no dia e qual condição ele dava entrevista.

## 7 RESULTADO E DISCUSSÃO

A pesquisa realizada obteve o resultado diariamente de cada jornal. O primeiro analisado foi o Jornal da Band, os resultados foram os seguintes: na segunda-feira<sup>32</sup> dia 13-07, foram: 21 matérias e nenhum jornalista negro. Na terça-feira<sup>33</sup>, 20 matérias e nenhum jornalista negro. Na quarta-feira<sup>34</sup>, 21 matérias e nenhum jornalista negro. Na quinta-feira<sup>35</sup>, 23 matérias e nenhum jornalista negro. Na sexta-feira<sup>36</sup>, foram 17 matérias com uma jornalista negra, Marcelly Setúbal, realizando a reportagem do hospital de campanha do Maracanã que foi desativado no Rio. E no sábado<sup>37</sup> foram 14 matérias sem jornalistas negros.

Todas essas matérias deram um total de 116 e somente uma teve a presença de um repórter afrodescendentes, ficando em segundo lugar com maior número de matérias. Em relação os repórteres foram um total de 46 profissionais. Sendo dessa quantidade, 26 do sexo masculino e 20 do sexo feminino = uma negra e 19 brancas.

O segundo analisado foi o RedeTV News, ele se trata de um jornal menor, com duração no máximo de 40 minutos, por isso a quantidade de matérias consequentemente foram menores, os resultados: segunda-feira<sup>38</sup> dia 13/07, foram 8 reportagens e nenhum jornalista negro. Na terça-feira<sup>39</sup>, 10 reportagens com um jornalista negro, Rodrigo Cabral de Belo horizonte, fazendo a matéria dos hospitais de campanha inaugurado com 30 leitos. Na quarta-feira<sup>40</sup> foram, 10 reportagens e nenhum jornalista negro. Quinta-feira<sup>41</sup>, foram 7 reportagens e nenhum jornalista negro. Sexta-feira<sup>42</sup>, 10 reportagens com nenhum jornalista negro. E no sábado<sup>43</sup>, 9 reportagens com nenhum jornalista negro.

---

<sup>32</sup> Jornal da Band de segunda, veja completo em: <https://www.youtube.com/watch?v=x2ld1-KX9kM>

<sup>33</sup> Jornal da Band de terça, veja completo em: <https://www.youtube.com/watch?v=AV-Rxl9IEOU>

<sup>34</sup> Jornal da Band de quarta, veja completo em: [https://www.youtube.com/watch?v=xb\\_luW5STL8](https://www.youtube.com/watch?v=xb_luW5STL8)

<sup>35</sup> Jornal da Band de quinta, veja completo em: <https://www.youtube.com/watch?v=GVAzbrqFvpM>

<sup>36</sup> Jornal da Band de sexta, veja completo em: [https://www.youtube.com/watch?v=w4\\_0gAk8FtE](https://www.youtube.com/watch?v=w4_0gAk8FtE)

<sup>37</sup> Jornal da Band de sábado, veja completo em: <https://www.youtube.com/watch?v=6UYhSzk4ISs>

<sup>38</sup> RedeTV News de segunda, veja em: <https://www.youtube.com/watch?v=0oE4azX3iOk>

<sup>39</sup> RedeTV News de terça, veja em: <https://www.youtube.com/watch?v=5LS1PoBxeNA&t=739s>

<sup>40</sup> RedeTV News de quarta, veja em: <https://www.youtube.com/watch?v=7djfUxf6Xng>

<sup>41</sup> RedeTV News de quinta, veja em: <https://www.youtube.com/watch?v=5K21X6jYThA>

<sup>42</sup> RedeTV News de sexta, veja em: <https://www.youtube.com/watch?v=p-pR22zXOzQ>

<sup>43</sup> RedeTV News de sábado, veja em: <https://www.youtube.com/watch?v=-RRxX0AMNXM>

O total de matéria é de 54, somente uma tinha presença do jornalista negro. Ao todo foram 17 jornalistas, destes profissionais, 9 homens = um negro e 8 brancos e 8 mulheres. Tanto no total de jornalistas quanto de matérias, este jornal possui o menor número de ambos, ficando na última posição.

Na sequência de horários e análise vem o Jornal da Record, cujos resultados foram: segunda-feira<sup>44</sup> 13/07 foram, 18 matérias com nenhum jornalista negro. Terça-feira<sup>45</sup>, 17 matérias e nenhum jornalista negro. Na quarta-feira<sup>46</sup>, 20 matérias e um jornalista negro, Luiz Fara Monteiro em Brasília fazendo a matéria da votação do congresso que define comissão que vai para Angola. Na quinta-feira<sup>47</sup>, 18 matérias e um jornalista negro, novamente o Luiz Fara, com a reportagem da câmara dos deputados aprova auxílio para atletas e profissionais do esporte. Na sexta-feira<sup>48</sup>, 20 matérias e nenhum jornalista negro. No sábado<sup>49</sup>, 24 matérias dessas, nenhum jornalista negro, entretanto, Luiz Fara foi uma das bancadas do jornal.

Com o total de 117 matérias a emissora lidera o ranking de matérias, com duas delas realizadas pelo repórter negro Luiz Fara que também assumiu a bancada no sábado. A única emissora das cinco que teve um jornalista negro apresentando a edição do jornal. Em relação à quantidade de jornalistas foram 46 num total, desses, a contagem foi meio a meio 23 homens = um negro e 22 brancos e 23 mulheres. A única também que igualou os números de profissionais dos dois gêneros.

No Jornal do SBT Brasil, foi da seguinte forma: segunda-feira<sup>50</sup> 13/07, foram 13 reportagens e uma jornalista negra, Karla Lucena de Brasília falando sobre Bolsonaro envia carta ao governo da Angola. Terça-feira<sup>51</sup>, 17 reportagens com uma jornalista negra, Karla falando sobre a UNB expulsa 15 alunos por fraudes em cotas. Na quarta-feira<sup>52</sup> foram, 11 reportagens e nenhum jornalista negro. Quinta-feira<sup>53</sup>, 16 reportagens e uma jornalista negra, Karla fazendo

<sup>44</sup> Jornal da record segunda. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b9Gs1nLnkUQ>

<sup>45</sup> Jornal da record terça. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jovzR9TOcxA>

<sup>46</sup> Jornal da record quarta. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qCeNRiV1uFY>

<sup>47</sup> Jornal da record quinta. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fCMFYXf4DT8&t=25s>

<sup>48</sup> Jornal da record sexta. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IkY126CGY9E>

<sup>49</sup> Jornal da record sábado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lhY5iL0yVws>

<sup>50</sup> Sbt Brasil segunda. Veja:

<https://www.youtube.com/watch?v=0NZWyz3IqpW&list=PLfY0CqsFwo-Xfb6jdKRJqwcUiotOSVse>

<sup>51</sup> Sbt Brasil terça. Veja: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLfY0CqsFwo-VPY6sWZnJ63GWkLr4ahQz5>

<sup>52</sup> Sbt Brasil quarta. Veja: [https://www.youtube.com/playlist?list=PLfY0CqsFwo-WAUvZt\\_Zh-ZEllzrwuDAf](https://www.youtube.com/playlist?list=PLfY0CqsFwo-WAUvZt_Zh-ZEllzrwuDAf)

<sup>53</sup> Sbt Brasil quinta. Veja: [https://www.youtube.com/playlist?list=PLfY0CqsFwo-XVfJ\\_Z9ykaMi8izLlw7WdZ](https://www.youtube.com/playlist?list=PLfY0CqsFwo-XVfJ_Z9ykaMi8izLlw7WdZ)

matéria de: famosos caem em golpe da “cigana Milena”. Sexta feira<sup>54</sup> foram, 16 reportagens e uma jornalista negra, Karla novamente, fazendo sobre bolsa auxílio a atletas sobe para oito mil. E no sábado<sup>55</sup>, 12 reportagens e uma jornalista negra, Joyce Cursino, falando sobre fiscalização em bares e restaurantes de Belém.

Com 85 matérias em seu total SBT Brasil fica em quarto no ranking de matérias, porém, esse jornal foi o único que teve mais matérias realizadas por repórteres negras que os outros. Foram cinco no total, com exceção somente da quarta feira. Em outro ponto também o jornal passa na frente é em relação a profissionais afros, e em número de mulheres que ultrapassou o de homens. O total de jornalista é de 29, com 19 mulheres sendo 2 negras e 17 brancas e 10 homens.

Por último o Jornal Nacional a pesquisa mostrou que: na segunda-feira<sup>56</sup> 13/07 foram, 15 matérias e nenhum jornalista negro. Terça-feira<sup>57</sup>, 14 matérias e nenhum jornalista negro. Quarta-feira<sup>58</sup>, novamente 14 matérias e nenhum jornalista negro. Quinta-feira<sup>59</sup>, 17 reportagens e zero jornalistas afros. Sexta-feira<sup>60</sup>, 13 reportagens com nenhum jornalista negro. E sábado<sup>61</sup> foram, 15 matérias com uma jornalista negra, Zileide Silva em Brasília, falando sobre proposta do governo recebe crítica na véspera da decisão do FUNDEB.

Em questões de quantidade de reportagem o Jornal Nacional fica em terceiro lugar totalizando 88, com somente uma realizada por repórter negra, dessas, foram realizadas por 52 repórteres num total com a divisão de: 31 homens e 21 mulheres = 1 negra e 20 brancas.

Um dado coletado durante uma semana evidenciou que o total de mulheres que realizaram reportagens, nos cinco jornais avaliados, foi de 91 profissionais, somente quatro eram jornalistas negras e 87 brancas. O percentual de negras é de 4,40% do total. Dessas quatro mulheres, duas eram da emissora SBT, que teve o maior número de profissionais afros. As outras duas, uma era da Rede Globo e a outra da Band. A quantidade de mulheres negras é baixa comparada à população que o Brasil tem e ainda em comparação com as outras profissionais. A falta delas na

---

<sup>54</sup> Sbt Brasil sexta. Veja: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLfY0CqsFwo-XSFWaINCsj22Gqo8OWvdw1>

<sup>55</sup> Sbt Brasil sábado. Veja: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLfY0CqsFwo-Vcf3U2dgA5XaGr6hKiZnhb>

<sup>56</sup> Jornal nacional segunda. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8695726/>

<sup>57</sup> Jornal nacional terça. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8698690/>

<sup>58</sup> Jornal nacional quarta. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8702165/>

<sup>59</sup> Jornal nacional quinta. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8702165/>

<sup>60</sup> Jornal nacional sexta. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8708278/programa/?s=>

<sup>61</sup> Jornal nacional sábado. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8709987/programa/>

TV pode estar relacionada a vários fatores, porém um se torna determinante, “além do gênero, é notório que a cor da pele também é um grande obstáculo na ascensão e reconhecimento profissional [...]” (TEMER; MORAES, 2018, p. 48)

Outro aspecto merecedor de um olhar atento é que os homens tiveram uma quantidade ainda menor que as mulheres. No sexo masculino totalizaram 99 repórteres, sendo dois negros e 97 brancos, um percentual de aproximadamente 2,1% da quantidade total. Entretanto, mesmo com esse número sendo menor, teve um deles que sentou na bancada para apresentar a edição do jornal de sábado, na emissora da Record. Na maioria dos sábados é este mesmo jornalista que apresenta. Então, ainda que só tenham sido dois homens negros, pode-se dizer que eles estão em vantagem frente às mulheres, que apesar de serem 4 profissionais jornalistas que participaram na semana analisada, nenhuma teve a oportunidade de estar na bancada.

Vale pontuar que, dentre as categorias analisadas, é possível também apresentar números dos dois gêneros, tanto masculino quanto feminino, negros em relação aos mesmos brancos. Num total de 190 repórteres sendo 6 deles negros. Uma porcentagem de 3,15 % em relação aos brancos que lideram com 96,85% nas reportagens analisadas. Em uma última categoria de análise é possível ver sobre o olhar da quantidade de matérias realizadas por ambos os gêneros negros, que num total de 460 matérias, deste número, as que foram realizadas por afrodescendentes, foram somente 10, correspondendo a 2,18% do total de matérias.

De ambas as formas e categorias analisadas, todas apresentaram números abaixo de 5% para os negros em relação aos brancos, ou seja, os negros estão com baixa participação no telejornalismo analisado. As oportunidades e visibilidades desses profissionais nos jornais da TV no Brasil estão defasadas e não geram a representatividade da população brasileira.

É importante ter a presença dos jornalistas não somente nas telas, mas também em cargos dentro das redações como editores, produtores, chefias, editores de textos, cinegrafistas, para adquirir uma valorização das experiências e vivências sociais plurais, evitando também que as matérias de cunhos racistas vão para o ar, principalmente em relação às manchetes que, na maioria das vezes, demonstram um teor alto de preconceito, com tons pejorativos e/ou estereotipagem da classe minoritária. Em entrevista a ECOA, o Doutor em comunicação Dennis de Oliveira fala sobre a baixa representatividade nas redações e o que ela provoca:



Esta baixa representatividade - não apenas de negras e negros, mas de perspectivas negras (e também indígenas) - universaliza o olhar branco e eurocêntrico, e transforma a opinião pública em refém de uma narrativa única. Por isto, resolver o problema da representatividade nas redações dos jornais é fundamental, não apenas para a geração de oportunidades para intelectuais negros, mas para proporcionar uma visão mais plural dos acontecimentos. (DIAS, 2020, p. 1)

Pelos dados apresentados, as negras estão subrepresentadas no telejornalismo brasileiro. Quando se discute a visibilidade feminina, percebe-se como são pouco presentes apontando para o nó da exclusão social: além de mulher, são negras apontando para a predominância do estereótipo europeu na telinha.

O assombro da subalternidade negra e da persistência do padrão estético da branquitude na TV exigem discussões acerca dos estereótipos naturalizados e da invisibilidade da questão racial no Brasil, fruto da recusa constante dos brasileiros em admitir o preconceito e a desigualdade racial.

## 7.1 Negros na TV: análise dos telejornais

Ao ligar a TV e sintonizar nos telejornais, a predominância da branquitude dos profissionais é evidente, tanto em relação aos que realizam as reportagens de rua e também os que apresentam os jornais, assim como mostra a pesquisa apontada anteriormente, no período de uma semana que teve um resultado demonstrativo de como isso é real, e o quanto o preconceito ainda existe, seja ele, de forma clara em algumas ocasiões ou de forma implícita em situações como essa dos noticiários.

Em uma roda preta de debate e reflexão<sup>62</sup> realizada em junho deste ano, os jornalistas Elias Aredes, Júlio Nascimento e Andréia Marques, de São Paulo, debateram sobre os reflexos do racismo da imprensa e televisão. Elias faz uma analogia, em uma de suas falas sobre como é ir para o trabalho sendo um jornalista negro:

Você sai de casa, eu vou para o trabalho! Aí, você sai de casa pega o carro, você tá no carro, você tá no Brasil; você vê negros no ponto de ônibus, negros na banca de jornal, negros na fila, negros na padaria. Aí você entra na redação, chegou na Dinamarca e na Suécia, só loiras e brancas [...]<sup>63</sup>

Há uma grande diferença entre os jornalistas atuantes no Brasil que reforça ainda mais essa desigualdade, em uma pesquisa realizada em 2012 pelo Departamento de Sociologia da Universidade Federal de Santa Catarina, em parceria com a FENAJ<sup>64</sup>, mostra os dados sobre número de jornalistas no Brasil, através da Pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro, os resultados foram: 64% masculino e 36% feminino. O percentual de negros entre jornalistas era inferior à metade da presença de pretos e pardos no Brasil: Brancos 72%; Pretos 5%; Pardos 18%; Amarelos 2%; Indígenas 1% e Outros 2 %.

A pesquisa ainda aponta que em relação aos jornalistas que atuam fora da mídia eram mais predominante mulheres que nos outros segmentos da categoria; e os negros tinham maior participação que nos demais campos: Mulheres 68,8% (574); Homens 31,2% (260); Pretos 5,5%

<sup>62</sup> Veja a live completa da Roda Preta em: <https://www.facebook.com/aredesjunior/videos/3312400388810086/> Acessado em: 15 Ago 2020

<sup>63</sup> <https://www.facebook.com/aredesjunior/videos/3312400388810086/> Acessado em: 15 Ago 2020

<sup>64</sup> Veja pesquisa completa em:

<https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2016/01/pesquisa-perfil-jornalista-brasileiro.pdf> Acessado em: 21 Ago 2020

e Pardos 21,7%. Esses números foram obtidos em pesquisa realizada há oito anos, atualmente a federação afirma não ter mais esse tipo levantamento, todavia, esse quadro atualmente está um pouco diferente, mas, ainda com um número menor de negros em relação aos brancos.

Em outra pesquisa mais recente realizada pelo Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) e trazida pelo site de notícia Folha de São Paulo<sup>65</sup>, demonstra que apenas cerca de 22% dos jornalistas com postos formais são negros (dados de 2015). E em São Paulo os números são ainda menores: menos de 15% dos jornalistas com carteira assinada são negros. O site ainda mostra medidas sobre o combate do racismo, que se dá também em ter mais jornalistas negros nas redações e fala sobre o projeto Agência mural de jornalistas das periferias que atualmente são cerca de 55% de correspondentes que se declaram pardos e negros, um número bem maior daqueles que aparecem nas telas dos jornais e estão nas redações convencionais.

A jornalista Andreia Marques em debate na roda preta relata que a imprensa é responsável pela permanência do racismo. "Temos centenas de milhares de jornalistas negros, pode acreditar e nem todos estão nas redações"<sup>66</sup>, mesmo que esses números não retratam a igualdade das raças/etnias entre pretos e brancos. Ainda de acordo com a jornalista não adianta ter jornalistas formados sem ter veículos com abertura para contratá-los e que a questão de manter os negros afastados de certos cargos e oportunidades tem muito mais a ver com o racismo e com a opressão do que falta de profissionais no mercado.

É importante ter a presença dos jornalistas não somente nas telas, mas também em cargos dentro das redações como editores, produtores, chefias, editores de textos, cinegrafistas, para adquirir uma valorização das experiências e vivências sociais plurais, evitando também que as matérias cunho racistas vão para o ar, principalmente também em relação às manchetes que na maioria das vezes demonstram um teor alto de preconceito, pejoração e/ou estereotipagem da classe minoritária. Em entrevista a ECOA o Doutor em comunicação Dennis de Oliveira fala sobre a baixa representatividade nas redações e o que ela provoca:

---

<sup>65</sup> Veja em:

<https://mural.blogfolha.uol.com.br/2020/06/02/combater-o-racismo-passa-por-ter-mais-jornalistas-negros-nas-redacoes/>

<sup>66</sup> <https://www.facebook.com/aredesjunior/videos/3312400388810086/> Acessado em: 15 Ago 2020

Esta baixa representatividade - não apenas de negras e negros, mas de perspectivas negras (e também indígenas) - universaliza o olhar branco e eurocêntrico, e transforma a opinião pública em refém de uma narrativa única. Por isto, resolver o problema da representatividade nas redações dos jornais é fundamental, não apenas para a geração de oportunidades para intelectuais negros, mas para proporcionar uma visão mais plural dos acontecimentos.<sup>67</sup>

Em outro ponto da entrevista o doutor fala da importância de ter fontes negras e que não comentem somente de assuntos relacionados ao racismo:

Há muitas fontes negras importantes para serem entrevistadas, e não apenas para discutir relações raciais. O jornalismo brasileiro vive em uma bolha de fontes. Os jornalistas, a maioria brancos, vivem em determinados circuitos de relacionamentos, em geral, próximos a estas instâncias de poder e reproduzem isto na escolha das suas fontes. Praticam o pacto narcísico da branquitude. Há fontes negras com competência para discutir qualquer tema - política, economia, esportes, ciência. Mas o racismo brasileiro estabelece lugares fechados de concessão de fala a negras e negros. Antes, os únicos espaços concedidos eram os de atividades lúdicas (música e futebol). Agora acrescentaram também o tema do racismo[...]<sup>68</sup>

Os jornais em sua grande maioria utilizam de fontes negras para suas entrevistas sobre determinados assuntos, eventualmente sobre desigualdades ou condições de vida precárias, ou fatos relacionados à discriminação. Na mesma pesquisa realizada para contabilizar os repórteres negros que faziam matérias, abordada no tópico anterior, foi também em segundo plano analisados quantas fontes negras eram entrevistada nas reportagens e em qual contexto dariam entrevistas, das 460 matérias totais de todos os jornais, foram cerca de 28 entrevistados negros. Desse número, apenas sete deram entrevistas para falar somente sobre assuntos relacionados aos da suas respectivas profissões que eram: artista plástico, vendedor, mestre de educação, professor universitário, advogado, advogada e especialista em segurança. Os demais havia sempre algum assunto relacionados à coisas simplórias do dia a dia ou situações das quais os deixavam em desvantagens.

---

<sup>67</sup> Entrevista realizada em 18 de Agosto de 2020 veja em:  
<https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/08/18/imprensa-tem-dificuldade-de-reconhecer-seu-racismo-diz-professor-da-usp.htm>

<sup>68</sup> Veja:  
<https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/08/18/imprensa-tem-dificuldade-de-reconhecer-seu-racismo-diz-professor-da-usp.htm>

O uso de mais profissionais com cargos “altos” para darem entrevista nas reportagens também ajuda o jornalismo a sair da singularidade das ideias e etnias do povo branco e trazer pontos de vistas reflexivos e também opinativos diversos.

## 8 CONCLUSÃO

É oportuno pontuar que a falta de representatividade das mulheres negras nos jornais da TV brasileira é clara e notória. A partir da pesquisa realizada, é possível ter a certeza de que não há uma representação equitativa de negras e brancas. Os motivos para que isso aconteça podem ser inúmeros: destacamos aqui o racismo estrutural que remonta à escravidão e que, desde aquela época, coloca as negras em posições subalternas. A interseccionalidade, quando se sobrepõe, faz com que o nó da exclusão social fique muito mais difícil de ser desfeito. Se a jornalista é mulher, negra e pobre é triplamente discriminada, e vai ter suas chances diminuídas no telejornalismo.

Ser uma mulher negra no Brasil é uma tarefa difícil, pois existem lutas diárias enfrentadas por elas que são mais difíceis do que às enfrentadas pelo gênero masculino. Ainda que ambos, homens e mulheres sofram racismo, há casos específicos que envolvem a questão do gênero. Qualquer um sabe, as mulheres ainda têm um longo caminho a percorrer para alcançar a igualdade, o que não é novidade. Os homens também precisam compartilhar dessas responsabilidades de entrar na luta para a busca de igualdade das mulheres, pois muitas vezes são eles mesmos que colaboram para a desigualdade. É indispensável compreender a igualdade de gênero e racial no país e assim criar mais cargos e que estes sejam ocupados por mulheres para serem representadas em cargos de chefia com a igualdade salarial.

Pode-se afirmar que os problemas relacionados a gênero, raça/etnias que muitas vezes são potencializados com a pobreza, norteiam a desigualdades desse país. Uma das possíveis soluções seria a criação de programas e políticas de inclusão social e combate às desigualdades. O governo precisa ter um olhar para essas questões e, com a criação dessas políticas públicas, criar projetos com maiores punições para racistas e machistas para enfrentar a violência simbólica presente de forma estrutural no Brasil e que impede a contratação de profissionais negras. Vale ressaltar que os programas de cota e de bolsas já mudaram muito a vida das mulheres negras e pobres que conseguiam frequentar o curso superior. Entretanto, quando esses profissionais se formam e saem para o mercado de trabalho, não encontram oportunidades em sua área de formação, vide a baixa participação feminina na bancada dos telejornais.

Em vista disso, existem sim profissionais negras no mercado de trabalho jornalístico. No entanto, se os cargos não estão sendo ocupados por elas, é perceptível que a TV opta pelo padrão europeu.

O confronto ao racismo vai precisar de atores e sujeitos políticos e várias ações que serão capazes de intervir no ambiente e transformar a sociedade. Buscar criar interações e dinâmicas nas esferas econômica, política e cultural, conscientização para atingir o imaginário social e ampliar o respeito à pluralidade e à diversidade que têm no país. Pode ser que as políticas públicas somente não modifiquem toda a estrutura racista deste país, todavia, é necessário começar de alguma forma, intensificando ainda mais as poucas que têm, já que as negras, na maioria das vezes são tratadas como coadjuvantes.

Partindo do intuito de modificar o quadro atual do jornalismo, pode-se afirmar que o necessário é a contratação e inclusão de mais profissionais negras nos jornais, gerando assim mais visibilidade e diminuindo os estereótipos. Uma vez que o país foi construído por grande parte de africanos, é necessário oferecer à população negra condições de vida digna, sem que ela tenha que passar por humilhações, simplesmente pela cor da pele, é válido oferecer a essas pessoas um lugar de contribuição para valorizar sua importância na sociedade.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Cíntia. **A representação do negro no telejornalismo brasileiro**. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2016. Disponível em:  
<<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/6492/1/CAbuquerque.pdf>> Acesso em: 26 maio 2020
- BLIKSTEIN, Izidoro. **Kasper Hauser ou a fabricação da realidade**. São Paulo: Cultrix, 2003
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989
- CANDIDO, Marcia Rangel; FERES JÚNIOR, João. **Jornalismo brasileiro: gênero e cor/raça dos colunistas dos principais jornais do país**. [2014?]. Disponível em:  
<<http://gema.iesp.uerj.br/infografico/jornalismo-brasileiro-genero-cor-raca-dos-colunistas-dos-principais-jornais/>>. Acesso em: 30 nov. 2020.
- GALDINO, Melissa. A escassez de jornalistas negras na bancada do telejornalismo brasileiro. In: SANTOS, Marli; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa (Org.). **Mulheres no jornalismo: práticas profissionais e emancipação**. São Paulo: Casper Líbero, 2018. p. 33-53 Disponível em:  
<< <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2018/11/Mulheres-no-jornalismo.pdf#page=33> >>. Acesso em: 09 set. 2020.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução: Mathias Lambert. 4. ed. São Paulo: LTC, 1988. Disponível em:  
<<http://www.aberta.senad.gov.br/medias/original/201702/20170214-114707-001.pdf>> Acesso em 15 jun. 2020
- LOPES, Fernanda; WERNECK, Jurema. Saúde da população negra: da conceituação às políticas públicas de direito. In: WERNECK, Jurema (Org.). **Mulheres negras: um olhar sobre as lutas sociais e as políticas públicas no Brasil**. 2017. Disponível em:  
<[https://criola.org.br/wp-content/uploads/2017/10/livro\\_mulheresnegras\\_1\\_.pdf](https://criola.org.br/wp-content/uploads/2017/10/livro_mulheresnegras_1_.pdf)>. Acesso em: 02 set. 2020.
- LOUBACK, Andréia Coutinho da Silva. **Jornalistas negras no Rio de Janeiro: trajetórias de vida e narrativas de resistência diante do racismo**. Rio de Janeiro: CEFET/RJ, 2018. Disponível em:  
<[http://dippg.cefet-rj.br/pprer/attachments/article/81/102\\_Andreia%20Coutinho%20da%20Silva%20Louback.pdf](http://dippg.cefet-rj.br/pprer/attachments/article/81/102_Andreia%20Coutinho%20da%20Silva%20Louback.pdf)> Acesso em: 02 set. 2020



RIBEIRO Djamila. **Quem tem medo do feminismo Negro?** Companhia das letras. Rio de Janeiro. 2018. Disponível em:

<<http://professor.pucgoias.edu.br/sitedocente/admin/arquivosUpload/4069/material/Quem%20Tem%20Medo%20do%20Feminismo%20Negro%20-%20Djamila%20Ribeiro.pdf>> Acesso em: 09 ago. 2020

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Comunicação e semiótica**. Hacker Editores, 2004

SANTOS Marli dos. A mulher no jornalismo investigativo: pistas deixadas no Prêmio Esso. In: SANTOS, Marli; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa (Org.). **Mulheres no jornalismo: práticas profissionais e emancipação**. São Paulo: Casper Líbero, 2018. p. 69-92 Disponível em: << <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2018/11/Mulheres-no-jornalismo.pdf#page=33> >>. Acesso em: 09 set. 2020.

SCWARCZ, Lilia Mortiz; STARLINE, Heloísa Murgel. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa; MORAIS, Ana Maria. Telejornalistas mulheres e as desigualdades de gênero. In: SANTOS, Marli; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa (Org.). **Mulheres no jornalismo: práticas profissionais e emancipação**. São Paulo: Casper Líbero, 2018. p. 13-32. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2018/11/Mulheres-no-jornalismo.pdf#page=33>>. Acesso em: 09 set. 2020.

VILELA Renata. Quem são empregadas domésticas no Brasil? **Reconta Aí**. 2019. Disponível em: <<https://recontaai.com.br/atualiza-ai/quem-sao-as-empregadas-domesticas-no-brasil/>> Acesso em: 30 Nov. 2020

XAVIER, Julliana Lopes Bento. **A Imprensa negra e as Comissões de Jornalistas pela Igualdade Racial: o combate ao racismo nos meios de comunicação**. Universidade de Brasília: UNB. ,2013. Disponível em: <[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/7302/1/2013\\_JullianaLopesBentoXavier.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/7302/1/2013_JullianaLopesBentoXavier.pdf)> Acesso em: 26 maio 2020